

Machado de Assis

BONS DIAS!



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenador Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Machado de Assis

BONS DIAS!

INTRODUÇÃO E NOTAS

John Gledson

FFICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

AS76b Assis, Machado de, 1839-1908.
Bons dias! / Machado de Assis; Introdução e notas: John Gledson. 3ª ed. – Campinas,
SP: Editora da Unicamp, 2008.

1. Ficção brasileira. 2. Brasil – História – Abolição da escravidão, 1888. 1. Gledson,
John, 1945-

ISBN 978-85-268-0776-1

CDD B869.341
981.0435

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira B869.341
2. Brasil – História – Abolição da escravidão, 1888 981.0435

Copyright © by John Gledson
Copyright © 2008 by Editora da Unicamp

1ª edição, 1990, Editora da Unicamp–Hucitec
2ª edição, 1997, Hucitec
2ª reimpressão, 2021

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

À MEMÓRIA DE

José Galante de Sousa

Alexandre Eulálio

Francisco de Assis Barbosa

Lourdes Dias

Agradecimentos

Para esta terceira edição, cabe repetir os agradecimentos à Biblioteca Nacional e à Seção de Microfilmes: sem elas, e sem o projeto Pró-Memória, este trabalho teria sido impossível; também à British Academy, que financiou duas viagens ao Brasil quando estava em curso o trabalho de edição, nos anos 80, e outras mais recentes. Sobretudo, gostaria de agradecer à Editora Hucitec, na pessoa de Flávio George Aderaldo, que deu todo o apoio às minhas exigências de cuidado e fidelidade, e a Alfredo Bosi e Davi Arrigucci Jr., que sugeriram a encomenda original para a Série “Literatura Brasileira”, dessa mesma editora.

No Brasil, beneficiei-me da ajuda de muitas pessoas, para a primeira e a segunda edição: uma lista longa demais para ser enumerada — só queria destacar a colaboração, profícua e sempre estimulante, de Lúcia Granja. Gostaria de repetir meus agradecimentos a Antonio Dimas, que, nesta edição como na de *A semana*, teve a bondade de ler as notas e soube controlar meu entusiasmo excessivo. A ele e Maria Cecília Leonel, a Cristina Carletti e Nicolau Sevcenko, a Elmar Pereira de Mello e Hilda White Rössle de Mello, os costumeiros, e nem por isso menos sinceros, agradecimentos pela hospitalidade.

Sumário

Nota à terceira edição.....	11
Introdução	13
Cronologia.....	63
Nota ao texto.....	71
Nota às notas.....	73

BONS DIAS!

Crônica 1 – 5 de abril de 1888.....	79
Crônica 2 – 12 de abril de 1888.....	85
Crônica 3 – 19 de abril de 1888.....	91
Crônica 4 – 27 de abril de 1888.....	95
Crônica 5 – 4 de maio de 1888.....	99
Crônica 6 – 11 de maio de 1888.....	103
Crônica 7 – 19 de maio de 1888.....	109
Crônica 8 – 20-21 de maio de 1888 (<i>Imprensa Fluminense</i>).....	113
Crônica 9 – 27 de maio de 1888.....	119
Crônica 10 – 1 de junho de 1888.....	123
Crônica 11 – 11 de junho de 1888.....	127
Crônica 12 – 16 de junho de 1888.....	133
Crônica 13 – 26 de junho de 1888.....	139
Crônica 14 – 6 de junho de 1888.....	143
Crônica 15 – 15 de julho de 1888.....	147
Crônica 16 – 19 de julho de 1888.....	151

Crônica 17 – 29 de julho de 1888.....	155
Crônica 18 – 7 de agosto de 1888.....	159
Crônica 19 – 26 de agosto de 1888.....	165
Crônica 20 – 6 de setembro de 1888.....	169
Crônica 21 – 16 de setembro de 1888.....	175
Crônica 22 – 22 de outubro de 1888.....	179
Crônica 23 – 21 de outubro de 1888.....	183
Crônica 24 – 28 de outubro de 1888.....	187
Crônica 25 – 10 de novembro de 1888.....	193
Crônica 26 – 18 de novembro de 1888.....	197
Crônica 27 – 25 de novembro de 1888.....	201
Crônica 28 – 17 de dezembro de 1888.....	207
Crônica 29 – 27 dezembro de 1888.....	211
Crônica 30 – 13 de janeiro de 1889.....	215
Crônica 31 – 21 de janeiro de 1889.....	219
Crônica 32 – 26 de janeiro de 1889.....	223
Crônica 33 – 31 de janeiro de 1889.....	227
Crônica 34 – 6 de fevereiro de 1889.....	231
Crônica 35 – 13 de fevereiro de 1889.....	235
Crônica 36 – 23 de fevereiro de 1889.....	239
Crônica 37 – 27 de fevereiro de 1889.....	243
Crônica 38 – 7 de março de 1889.....	247
Crônica 39 – 19 de março de 1889.....	253
Crônica 40 – 22 de março de 1889.....	257
Crônica 41 – 30 de março de 1889.....	261
Crônica 42 – 20 de abril de 1889.....	265
Crônica 43 – 7 de junho de 1889.....	269
Crônica 44 – 14 de junho de 1889.....	273
Crônica 45 – 29 de junho de 1889.....	277
Crônica 46 – 3 de agosto de 1889.....	281
Crônica 47 – 13 de agosto de 1889.....	287
Crônica 48 – 22 de agosto de 1889.....	291
Crônica 49 – 29 de agosto de 1889.....	295
Bibliografia	299
Índice remissivo	305

Nota à terceira edição

Esta edição se diferencia das edições anteriores em alguns aspectos. O mais importante é a nova introdução. Quando escrevi a introdução à primeira edição, achei que não devia repetir o já dito no capítulo sobre “Bons dias!” em *Machado de Assis: ficção e história*. Erro ou não, desta vez decidi que não podia ser assim, e tentei escrever uma introdução completa à série, mais ou menos “definitiva”. Isso implicou repetir certos trechos de *Ficção e história*, mas o leitor verá que os textos são bastante diferentes. O enfoque, mais estritamente cronológico, é diverso, e é uma tentativa de explicar o processo de escrita da série, de explicar a relação tensa com o leitor e de levar em conta certas críticas que foram feitas aos meus argumentos, sobretudo no tocante ao assunto da escravidão. Também acrescentei uma cronologia, no modelo da que tinha feito para *A semana — 1892-93*.

As notas mudaram menos, mas em vários casos foi possível solucionar problemas que em 1990 tinha sido incapaz de resolver: achar a fonte de alguma citação, a explicação de um momento difícil etc. Nesse sentido, se não me engano, a edição melhorou bastante — fiz também, sempre que possível, referência à página e à coluna do jornal onde estão as notícias citadas. Os princípios desta edição são iguais aos da edição de 1990: só achei útil acrescentar um guia para futuros editores das crônicas de Machado, e até outros escritores, por razões explicadas no próprio guia.

Introdução

John Gledson

No dia 5 de abril de 1888, Machado iniciou uma nova série de crônicas na *Gazeta de Notícias*, que durou até 29 de agosto de 1889, e ao longo desses 17 meses publicou 49 crônicas, uma média de quase três por mês. Todas começavam com a saudação “Bons dias!” e acabavam na despedida (que também funcionava como assinatura-pseudônimo), “Boas Noites”. Desde que as li pela primeira vez, no início dos anos 80, elas me pareceram constituir a melhor justificação possível para uma leitura cuidadosa, e uma edição bem anotada, de todas as crônicas de Machado. Às vezes são muito divertidas; têm uma percepção muito aguda dos eventos — em si muito importantes — que acompanham; e exploram a relação do cronista com o leitor, ao expandi-la e até subvertê-la, revelando, talvez até mais do que qualquer outra série, as potencialidades do gênero.

As crônicas têm uma história própria. Acompanham, antecipando-as às vezes, as mudanças pelas quais o escritor passou em outros gêneros; seguem também o desenvolvimento da imprensa brasileira do século XIX e estão influenciadas, nesta série mais do que em qualquer outra, pelos acontecimentos políticos e pelo fluxo da história, vista, e experimentada, de perto e de longe. Cada série tinha parâmetros próprios, sem dúvida ajustados ao sabor das necessidades e das circunstâncias, e terminava quando um desses fatores, ou uma combinação deles, assim o

forçava. As crônicas são um meio privilegiado de entender a interação multifacetada entre o escritor e o mundo público em que se movia.

Quais foram, então, os fatores mais importantes que cercavam e determinavam o andamento e a forma desta série? A data do começo, um mês antes da Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, é obviamente a chave mais importante. Mas outros fatores, menos imediatos, também pesaram, e são eles que veremos antes. O primeiro é a própria *Gazeta de Notícias*. Foi fundada em 1874 por Ferreira de Araújo, “homem de iniciativas saneadoras, tendo reformado a imprensa do seu tempo, para dar espaço à literatura e às grandes preocupações, com desprezo pelas misérias e mesquinhas da política”.¹ A *Gazeta* foi o primeiro de uma nova classe de jornais: era vendido avulso na rua, enquanto outros (a *Atalaia de Quincas Borba*, por exemplo) dependiam de assinantes. Obviamente, isso tinha suas implicações: em 1888, era um dos três jornais mais importantes do Rio, juntamente com o *Jornal do Commercio*, um órgão de informação mais caro, mais detalhado e mais conservador, o decano da imprensa do Rio, e com *O País*, que, com 26 mil exemplares diários, proclamava ser o jornal de maior tiragem da América do Sul. *O País* era republicano; a *Gazeta*, com uma tiragem não muito menor (de 24 mil exemplares, como anunciava no cabeçalho), era menos engajada politicamente. A coluna semanal de Ferreira de Araújo, “Coisas políticas”, era um comentário sensato, pragmático (e às vezes profundo), sobre os acontecimentos do dia, colocando-os numa perspectiva mais ampla: os pontos de vista de Machado parecem ter sido bastante semelhantes aos expressos nessa coluna.² Em termos de formato, a *Gazeta* e *O País* eram muito parecidos: seis páginas, sendo as duas últimas (ou um pouco mais) destinadas a anúncios, uma, aos “A pedidos” e o resto, a uma mistura de notícias, informação comercial, reportagens parlamentares, notícias sobre teatro, artigos mais longos assinados por autores mais ou menos célebres (durante esse período, por exemplo, Eça de Queirós publicou na *Gazeta* parte da sua *Correspondência de Fradique Mendes*, acontecimento que não passou despercebido a Machado), romances em folhetim e, claro, as crônicas, não sendo as de Machado as únicas. O que é mais importante para os nossos fins, essa nova maneira, mais de-

mocrática, digamos, de publicar os jornais também estabeleceu entre os escritores e o público uma relação relativamente íntima, um tom de conversa e de intercâmbio diário que talvez não houvesse, nem antes nem depois — já no fim da vida Machado se ressentia das mudanças na cidade, das quais o “Bota-abaixo” é a mais dramática, e que estabeleceram novas divisões de classe. “Festa de estalagem, todos dançam e ninguém se conhece”, teria dito ele, segundo Humberto de Campos.³ Ensaando uma comparação um pouco exagerada, podemos dizer que Machado foi o Mozart dessas novas possibilidades e que sabia utilizar os recursos desse instrumento “novo”, assim como fazia o compositor em relação ao clarinete.

Ao todo, Machado publicou 475 crônicas na *Gazeta*, mais de três quartos da sua produção no gênero (mais da metade destas pertence à sua última série, “A semana”, publicada entre 1892 e 1897). Começou a sua colaboração em 1883⁴ como um dos autores de uma série quase diária de crônicas, “Balas de estalo”, usando o pseudônimo Lélío — a sua última contribuição é de 22 de março de 1886.⁵ Há um intervalo de seis meses — talvez devido ao início da publicação de *Quincas Borba* nesse ano n’*A Estação*, antes do começo da próxima série, curtíssima, de apenas sete crônicas, chamadas “A + B”, dialogadas, e assinadas com o pseudônimo João das Regras.⁶ Foram publicadas entre setembro e outubro de 1886, e imediatamente a seguir Machado iniciou uma nova série semanal, a “Gazeta de Holanda”, crônicas em verso, que manteve com bastante regularidade durante 14 meses (um total de 49 crônicas), cuja publicação se encerrou em fevereiro de 1888, pouco mais de um mês antes do começo da série “Bons dias!”, que difere bastante de sua predecessora, não só por ser em prosa.

Antes de vermos as razões mais específicas dessa mudança de forma, porém, é útil pensarmos um pouco no contexto maior da vida criativa do seu autor. É um erro pensar nas crônicas como um simples ganhapão, embora, claro, seja provável que houvesse momentos em que o dever semanal fosse apenas isso, e o nível de criatividade verdadeira fosse

baixo nessa mesma medida. Veremos alguns exemplos mais adiante, ao considerar a trajetória de “Bons dias!”. No entanto, muitas vezes se esquece de que Machado escrevia em vários gêneros, e de que um relato da sua carreira que se concentrar num só — quase sempre os romances — nunca poderá ser completo. A estrutura episódica dos romances, sobretudo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, põe em evidência os paralelos com os contos e as crônicas; entre 1881 e 1886 ele investiu muito vigor criativo na composição de cerca de 50 contos.⁷ No começo de 1888, porém, a situação era bem diferente. A torrente de contos quase secara: publicou apenas três em 1887; e, destes, só um, “Eterno!”, pode ser incluído entre as suas melhores obras no gênero. Em 1888 publicaria uma das suas obras-primas, “Um homem célebre”,⁸ e, no começo de 1889, outro conto “menor”, “Dona Jucunda”. Além de umas poucas peças ocasionais — as que comemoram os falecimentos dos amigos Joaquim Serra e Francisco Otaviano, por exemplo —, as crônicas de “Bons dias!” são as únicas obras suas publicadas entre 1888 e 1889. Os anos de 1890 e 1891 não são mais fecundos — a única obra realmente notável é “O caso da vara”, de 1891.⁹

Há uma importantíssima exceção nesse período, que muitos leitores podem ter notado. Durante esses anos todos, Machado publicava, n’*A Estação*, a primeira versão, em forma folhetinesca, de *Quincas Borba*. Não há dúvida de que estava sendo escrito nesses anos, e, além disso, causava imensos problemas ao seu autor. A prova é que houve duas interrupções na publicação na revista, entre maio e outubro de 1888 e entre julho e novembro de 1889 — podemos ter quase certeza de que essas pausas foram impostas por dúvidas sobre como continuar.¹⁰ Já argumentei, em *Machado de Assis: ficção e história*, que essas dúvidas envolvem aspectos cruciais do significado do romance, e sobretudo da loucura de Rubião. Um dos mais importantes é o histórico. A loucura acompanha o fracasso progressivo do regime imperial em controlar os acontecimentos históricos — a prova mais contundente da intencionalidade desse paralelo é o nome de Rubião, Pedro (Rubião) de Alvarenga, que, sem ser Pedro de Alcântara, nome civil de dom Pedro II, chega tão próximo à identidade deste quanto possível. Essa perda de controle,

alegorizada na loucura, reaparecerá em “Bons dias!”, sobretudo quando a série se aproximava do seu fim.

Também mostrei que esses novos significados são freqüentemente escondidos, ou cifrados, de um modo que se aproxima de uma agressão ao leitor. Se tenho razão, é isso que constitui a ligação mais profunda entre o romance e as crônicas. Veremos que situações em que a polidez e seu oposto potencial, a agressão, têm um papel crucial ocorrem continuamente em “Bons dias!”, logo depois do título. É claro que a ironia sempre fizera parte do estilo e da atitude machadianos; em *Memórias póstumas*, pela primeira vez, fez parte da situação e da posição do narrador, sempre visto como não-confiável e com distância irônica — com pé-atrás, para usar a fórmula de Abel Barros Baptista. Inevitavelmente, isso implica alguma agressão, pelo fato de o autor esconder ou disfarçar uma parte da verdade e desafiar o leitor a desenterrá-la. Em *Quincas Borba*, se tenho razão, junta-se uma nova dimensão a essa distância, que é especificamente histórica: faz parte da estrutura do romance e do seu enredo de um modo diferente do de *Memórias póstumas*.¹¹ De fato, isso é mais complicado do que parece, porque, embora *Quincas Borba* se centre na crise de 1871 e na Lei do Ventre Livre, havia paralelos óbvios com a situação de 1888-1889 — em ambas as crises, o regime imperial tentava acabar com a escravidão sem acabar consigo mesmo. É isso que, em última instância, Machado qualifica de loucura. A longo prazo, Cotejipe tinha razão ao dizer que o fim da escravidão fatalmente significaria o fim do próprio Império. Nos bastidores, ouvimos o eco do provérbio latino: “Quem Deus vult perdere, dementat prius” [A quem Deus quer destruir, antes lhe tira o juízo].

Visto noutra perspectiva, Machado percebia cada vez mais a distância entre ele e os seus leitores; também, essa distância tinha, cada vez mais, um ingrediente histórico, no sentido de que a compreensão machadiana da história, ou do fluxo dos acontecimentos, era mais aguda que a dos seus leitores. Não precisamos designar essa compreensão de sobre-humana — outros autores, como o próprio Ferreira de Araújo, compartilhavam essa visão profunda e ampla da situação histórica. Machado, porém, parece imaginar que seus leitores fossem mais próximos

ao confeitiro Custódio, na famosa cena da tabuleta em *Esau e Jacó* (*Obra completa*, 1959, vol. I, pp. 1.025-28; caps. 62-63), para quem o advento da República é um choque total — ainda que, novamente, seja aconselhável não exagerar, e achar que aquilo em que Machado acredita (ou finge acreditar) no contexto das crônicas seja verdade. Alguns leitores entenderiam mais, outros, menos. O essencial é nos darmos conta de que essa distância está presente, e está dramatizada mais de uma vez, em “Bons dias!”.

A complexidade dessas crônicas se torna mais fascinante ainda pelo fato de que Machado era um monarquista que não queria o fim do regime, embora soubesse que este acabaria; essa tensão entre o coração e a razão é um dos fatores que constituem o fascínio dessas obras. “Bons dias!” fica no centro de várias questões ligadas entre si. Os anos de 1888 e 1889 podem parecer vazios quando vemos as páginas que lhes correspondem na *Bibliografia* de Galante de Sousa — e ficariam mais vazios ainda, não fosse a descoberta do próprio Galante de que Machado era o autor de “Bons dias!” —, mas revestem um interesse extraordinário. A luta criativa de Machado não se dá somente na composição de *Quincas Borba*; também no seu último romance, *Memorial de Aires*, ele volta a essa crise. Esse romance em forma de diário começa um pouco antes das crônicas, em 9 de janeiro de 1888, e termina em 30 de agosto de 1889, um dia depois da última crônica da nossa série. Isso não pode ser coincidência — mas é preciso investigar e, antes de mais nada, compreender as circunstâncias históricas. Passemos a um resumo delas.

Ao longo de quase uma década — desde 1880, quando ficou claro que a Lei do Ventre Livre não levaria, por si só, ao fim da escravidão —, a questão da abolição dominara o país. Quando, em 1884, o senador Dantas, liberal, propôs uma medida bastante tímida, a libertação dos escravos com mais de 60 anos de idade, enfrentou a oposição ferrenha dos donos de escravos. Esse conflito desembocou na Lei Saraiva-Cotejipe de 1885, que alguns historiadores dizem ter atendido mais aos interesses dos escravocratas do que aos dos próprios escravos.¹² Em 1885, o

imperador chamou o barão de Cotejipe, escravocrata conservador, para ser presidente do Conselho e, nos primeiros meses de 1886, elegeu-se uma Câmara também conservadora, pelo sistema habitual e corrupto segundo o qual a opção por um dado partido pelo imperador garantia a vitória desse mesmo partido nas eleições.

A realidade da situação, porém, começava a escapar do controle dos políticos. Sobretudo na província de São Paulo, os escravos começaram a fugir em massa das fazendas, para lugares seguros como a cidade de Santos: o sistema começava a ruir. Duas províncias (Ceará, Amazonas) já tinham abolido a instituição, e o castigo físico tinha sido proibido por uma lei, que, se tivesse sido levada a sério, teria, claro, acabado com a escravidão em pouco tempo. Os fazendeiros paulistas se deram conta de que o sistema vigente de controlar sua mão-de-obra não se sustentava mais. Em setembro de 1887, Antônio Prado, chefe político paulista, ministro dos Estrangeiros do governo Cotejipe, desde sempre oposto à abolição, mudou de posição, seguido alguns dias depois por João Alfredo Correia de Oliveira, importante senador e ex-ministro pernambucano. Desse momento em diante, o governo de Cotejipe estava fadado ao fracasso, mas as razões tinham pouco a ver com os partidos, e muito com o estado da sociedade: só os donos de escravos do interior da província do Rio de Janeiro, no vale do Paraíba do Sul, tinham forte interesse na continuação da escravatura, e isso porque os escravos constituíam a sua única riqueza — em muitos casos, suas terras estavam praticamente exauridas. Como disse Ferreira de Araújo na *Gazeta* em 19 de março de 1888, com palavras retomadas mais tarde por historiadores, a abolição agora era do próprio interesse dos senhores, “que já hoje pensam mais em libertar-se dos escravos, do que em libertar escravos”.¹³

Nesse contexto, não importava o partido que impusesse a lei, e a escolha de João Alfredo era perfeitamente coerente: De acordo com Ferreira de Araújo nesse mesmo artigo, as duas medidas anteriores que levaram ao fim da escravidão, a abolição do comércio transatlântico em 1850 e a Lei do Ventre Livre, foram obra de conservadores (de Eusébio de Queirós e do visconde do Rio Branco respectivamente). No entanto, havia outro fator que certamente influenciou na decisão da regente, a

princesa Isabel, em não chamar um liberal para formar o governo, como muitos esperavam. Um governo liberal ou teria que tratar com uma Câmara conservadora ou teria que convocar novas eleições — e com cada mudança de partido, cada eleição obviamente fraudulenta, a credibilidade do próprio regime, e do Poder Moderador, supostamente neutro, ficava exposta a críticas: mudanças freqüentes poriam em perigo o próprio Império.

Machado, como vimos, concluiu a série “Gazeta de Holanda” em 24 de fevereiro de 1888. Por quê? Não parece haver razão intrínseca à série em si, que fora publicada, com freqüência e regularidade admiráveis, desde 1º de novembro de 1886 — freqüência ainda mais admirável (ao menos me parece) porque eram crônicas em verso, às vezes um verso muito engenhoso e engraçado. Foram, como já foi dito, 49 crônicas, publicadas ao longo de 16 meses. Como notou Magalhães Júnior, Machado interrompeu a série “sem sequer despedir-se dos leitores”.¹⁴ A conclusão a ser tirada, com grande probabilidade, é de que a razão do fim da série velha era o começo da nova: os acontecimentos se aceleravam, e Machado precisava de um novo formato para acompanhá-los e fazer seus comentários, com o espírito e a percepção que só ele tinha.

Mas ele queria lançar os alicerces dessa nova série com cuidado: *sobre-tudo, não queria ser identificado como seu autor*. Essa bem pode ser a razão de ele ter esperado mais de um mês para começar a nova série. As crônicas eram sempre assinadas por pseudônimos, mas muitas vezes o segredo da sua autoria era compartilhado, quando não era de conhecimento público, como foi o caso dos três pseudônimos anteriores, Lélío, João das Regras e Malvolio, cuja identidade foi divulgada pela revista *A Semana*, quando as crônicas estavam sendo publicadas.¹⁵ É impossível exagerar a importância desse verdadeiro anonimato para a série; não se trata apenas de um novo pseudônimo, como parecia acreditar Magalhães Júnior.¹⁶ Parece claro que Machado ia dizer algumas coisas duras, mesmo sob a capa da ironia, e queria poder dizer essas coisas com uma margem extra de liberdade, sem sofrer conseqüências mais imediatas.